

CONDIÇÕES DE TRABALHO E FATORES DE RISCO DA ATIVIDADE REALIZADA PELO BOMBEIRO¹

Daiane Abreu Nunes*
Rosane Teresinha Fontana**

RESUMO

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa descritiva e de abordagem qualitativa que teve como objetivo conhecer as condições de trabalho e os fatores de risco da atividade dos bombeiros, de acordo com o seu ponto de vista. A pesquisa foi realizada junto aos bombeiros militares, mediante entrevistas, no primeiro semestre de 2012, e analisada por meio da análise temática. O estudo respeitou as normas éticas vigentes no Brasil. Os sujeitos consideraram boas suas condições de trabalho quanto à convivência com os colegas, à estabilidade financeira e à satisfação em ajudar o próximo, e ruins quanto à deficiência de recursos materiais e humanos e ao insucesso nos atendimentos. No seu cotidiano de trabalho a exposição aos riscos físicos e biológicos são mais frequentes. Investimentos em educação permanente em saúde para a segurança no trabalho e a disponibilização de recursos materiais e humanos podem ser estratégias de promoção da saúde desses trabalhadores.

Palavras-chave: Bombeiros. Condições de Trabalho. Saúde do Trabalhador. Trabalhador. Riscos Ocupacionais.

INTRODUÇÃO

A atividade da polícia militar está prevista no texto constitucional, o qual estabelece que a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária Federal, Polícias Civis, Polícias Militares e Corpo de Bombeiros Militares⁽¹⁾.

Os bombeiros são militares dos estados, do Distrito Federal e dos Territórios, mas não exercem função de policiamento preventivo ou ostensivo⁽¹⁾. Têm como missão básica a preservação da vida, do meio ambiente e do patrimônio, e atuam também na execução de atividades de defesa civil, com ações do tipo prevenção e extinção de incêndios, proteção e salvamento de vidas humanas, busca e salvamento em afogamentos, inundações, desabamentos, acidentes em geral, catástrofes e calamidades públicas, o que sugere alto nível de exigência na sua execução⁽²⁾.

Além disso, os bombeiros também são os responsáveis pela segurança das pistas dos aeroportos e pelo socorro marítimo, o que favorece a sua exposição ao ruído e suas

consequências⁽³⁾. O ruído urbano também representa exposição ocupacional para o bombeiro porque as corporações estão localizadas em vias públicas de intenso tráfego de veículos e, durante sua jornada de trabalho, outras fontes como o ruído das sirenes dos veículos para locomoção, podem prejudicar severamente a inteligibilidade da fala⁽⁴⁾.

Assim, alguns riscos são inerentes a esta profissão, tais como: os riscos físicos causados por agentes como ruídos e temperaturas extremas; os biológicos, caracterizados por exposição a microrganismos, por contato com sangue e fluidos orgânicos e/ou mordidas e picadas de animais e os riscos químicos decorrentes de exposição às substâncias químicas⁽⁵⁾.

Há também os riscos mecânicos e de acidentes, oriundos da falta de proteção do trabalhador, do arranjo físico e de ordem e limpeza deficientes no ambiente de trabalho, da sinalização precária e outros que podem levar aos acidentes do trabalho, além dos ergonômicos e psicossociais, procedentes da desorganização do trabalho, como locais mal-adaptados para as ações a que se destinam, más condições de iluminação, ventilação e conforto, bem como o trabalho em turnos noturnos e excessivo ritmo de trabalho⁽⁵⁾.

É oportuno salientar que a saúde dos

¹Pesquisa apoiada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem, Saúde e Educação (GEPESE/URISAN).

* Enfermeira. E-mail: daiane.abreu@yahoo.com.br.

**Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. E-mail: rfontana@santoangelo.uri.br

trabalhadores é condicionada por fatores sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais, incluindo-se os fatores de risco presentes nos processos de trabalho. Um estudo realizado em Florianópolis⁽⁶⁾ demonstrou que os bombeiros pesquisados consideram o trabalho como sua segunda casa e têm satisfação em ajudar o próximo, mas têm alguma insatisfação com a remuneração, além de esgotamento e estresse. Viver bem com a família e ter boas condições de trabalho são apontados pelos sujeitos deste estudo como preditivos de qualidade de vida, o que reforça a premissa de que a reflexão sobre essa condição deve abarcar todos os âmbitos de vida do sujeito, inclusive o do trabalho.

Este trabalhador, em decorrência de sua ocupação, está frequentemente exposto a agentes de risco iminente à vida, além de ser alvo de agressões verbais, decorrentes do descontrole emocional dos sujeitos que vivenciam situações de acidentes contra a vida e/ou ao patrimônio. Estes cenários podem configurar-se como fator preditivo de sofrimento psíquico ou estresse e contribuir para o adoecimento, inclusive a diminuição da resistência às infecções.

Os bombeiros e policiais militares estão inclusos entre os dez profissionais que mais se expõem a acidentes por agentes biológicos, conforme um estudo retrospectivo que analisou 253 fichas de notificação de acidentes desse tipo encaminhadas pelas instituições de saúde da área de abrangência do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do município de Londrina - PR⁽⁷⁾.

Um estudo realizado em Goiás (GO) junto ao Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e a duas unidades do corpo de bombeiros, que buscou identificar a frequência de acidentes laborais, com destaque para os riscos biológicos, identificou que 70% destes trabalhadores foram alertados quanto ao risco biológico na admissão, 61% não participaram de trabalhos de educação permanente sobre biossegurança, 76% da equipe foram vacinados contra hepatite B e apenas 33% fizeram o esquema com três doses. Todos consideraram indispensável a utilização das luvas e 97% referiram utilizá-las sempre, dados que denotam alguma deficiência em educação para a segurança no trabalho⁽⁸⁾.

O objetivo deste estudo consistiu em conhecer as condições de trabalho e os fatores de risco da atividade dos bombeiros de acordo com o seu ponto de vista. Considera-se importante fazer estudos sobre a saúde do trabalhador na perspectiva dos sujeitos, pois respeitam experiências, conferem protagonismo a quem as vivencia e contribuem para a redução de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, o que envolve a promoção da saúde do bombeiro.

METODOLOGIA

O estudo consiste de uma pesquisa de abordagem qualitativa tipo descritiva⁽⁹⁾. Foi realizado junto a 21 trabalhadores do corpo de bombeiros de um município pertencente à Região Noroeste do Interior do Estado do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2012.

Os dados foram coletados junto aos bombeiros de uma corporação utilizando-se um roteiro de entrevista aberta no qual os informantes discorreram livremente sobre o tema proposto⁽⁹⁾. A entrevista foi feita em uma sala reservada, para que a sua privacidade e identidade fossem preservadas, e foi usado um gravador para registrar as respostas. Participaram da pesquisa sujeitos que obedeceram aos critérios de inclusão de pertencer ao quadro funcional ativo da corporação dos bombeiros do local escolhido e aceitar participar da pesquisa. A análise dos dados foi feita por meio da metodologia da análise temática⁽⁹⁾.

Na realização da pesquisa foram respeitados os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos estabelecidos pela legislação brasileira. Para tanto, utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi entregue a cada sujeito em duas vias de igual teor, ficando uma com o participante entrevistado e a outra, assinada, com as pesquisadoras. As entrevistas foram codificadas por ENT 01 (entrevistado número 1), ENT 02, e assim sucessivamente.

A pesquisa foi realizada com aprovação do Comitê de Ética da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Santo Ângelo, sob o protocolo número 0113-4/PPH/11, e com a ciência e autorização do comandante da corporação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos sujeitos

Em sua maioria, os 21 participantes trabalham há mais de cinco anos na corporação e são do sexo masculino; apenas três são mulheres. A idade dos sujeitos varia de 22 a 44 anos, sendo que a faixa etária predominante está entre 22 e 30 anos de idade. O regime de trabalho consiste em plantões de 12 horas diurnas ou noturnas por 15 dias. Passado este período de tempo, inverte-se a escala. Independentemente de a função ser administrativa ou não, todos desempenham ações típicas do bombeiro, como salvamento, resgate e combate a incêndios, em face da insuficiência de recursos humanos. Não foi intenção do estudo classificar os riscos conforme a função, mas estudá-los a partir da especificidade da atividade do bombeiro.

O bom e o ruim de ser bombeiro

Grande parte dos sujeitos referiu que as condições de trabalho são boas e aludem ao relacionamento e convívio satisfatório com os colegas e às adequadas dependências no que se refere aos alojamentos, sala de estar, refeitório e outros ambientes; porém alguns elementos fundamentais ao processo de trabalho são considerados ruins, especialmente no que se refere à qualidade e/ou insuficiência de recursos materiais e humanos, instrumentos, viaturas e equipamentos de proteção individual (EPI), como a balaclava, que é uma proteção para o rosto, usada no combate a incêndios, e as máscaras de respiração autônoma.

Olha, mais ou menos. Tipo, o ambiente é bom, [...] tem alguma decadência de material pra trabalhar [...] tem viaturas, só que são muito velhas, aí 'tá' sempre dando manutenção. Às vezes a gente precisa e não tem, 'tá' estragada [...] os alojamentos, tudo 'tá' tranquilo, bom. Tem uma cozinha boa, sala boa, alojamento aqui 'prá' nós é bom, esta sendo reformadas umas coisas em termos do quartel. O que mais tem necessidade mesmo seria nosso material e viatura.(ENT 19)

Muitos acham bom trabalhar nesta ocupação, pela satisfação em poder ajudar o próximo, em trabalhar com pessoas, pela gratificação da comunidade pelo trabalho prestado, pela

estabilidade financeira e também por ser uma profissão apaixonante:

Eu acho que é uma profissão gratificante. Não é uma profissão que te dá lá uma ótima renda, longe disso, mas uma profissão que te gratifica pela simpatia que nós temos com o pessoal, com a população. Acho que os bombeiros, em si, são simpáticos à população. Somos bem recebidos em toda ocorrência que a gente vai. Acho que o grande sucesso dos bombeiros é a confiança e a credibilidade que nós temos [...]. (ENT 14)

[...] A gente se sente bem quando você vai lá, por mais que você chegue na casa que pegou fogo e chega lá e já queimou tudo, as pessoas sempre te agradecem. Pode até não ter conseguido salvar nada; a gente atende uma área muito grande [...] então tu analisa: a gente sair com um caminhão daqui ao município X [distante 30 km] 'prá' combater um incêndio numa casa, leva uma hora 'prá' chegar lá com o caminhão, mas mesmo assim as pessoas te agradecem. Ou quando tu faz um salvamento com o resgate, no outro dia as pessoas vêm agradecer: "Obrigado, tu salvou meu filho", ou salvou minha esposa, salvou minha mãe, meu pai. É nisso que a gente fica satisfeito. (ENT 21)

Em contrapartida, a baixa remuneração, o descaso do governo, a insuficiência dos recursos humanos e materiais e o insucesso no atendimento os deixam insatisfeitos:

É ruim, porque talvez não seja proporcionado todos os meios necessários para que a gente possa exercer a profissão como a gente gostaria e como a sociedade gostaria que fosse exercida [...]. (ENT 07)

É ruim, porque às vezes você chega no local e não consegue salvar a pessoa, entende? [...] eu "peguei" um acidente de caminhão [...], a gabine caiu em cima dele [motorista] e prendeu ele pela bacia, e daí ele ficou com uma parte, com as pernas, para dentro da gabine e com o tórax, o resto, pra fora e o caminhão em cima dele, e ele pedindo pelo amor de Deus para gente tirar ele dali e nós fizemos de tudo e até conseguimos tirar com os equipamentos e aparelhos que a gente tem, só que na metade do caminho ele veio a falecer [...] até chegar aqui [da estrada à cidade] ele chegou sem vida. (ENT 21)

É possível inferir que a estabilidade profissional, a afinidade com a profissão, a possibilidade de ajudar as pessoas e o reconhecimento da comunidade externa são

pontos apontados como positivos no exercício da profissão, embora todos tenham referido que consideram sua profissão perigosa e estressante.

Um estudo⁽¹⁰⁾ descreveu os efeitos de uma intervenção para o manejo do estresse ocupacional dos bombeiros. Foram realizadas doze sessões que contemplavam relaxamento, treino assertivo, treino em solução de problemas, manejo de tempo e reestruturação cognitiva. Após comparação entre as medidas pré e pós-intervenção, constatou-se redução do estresse e dos sintomas somáticos, aumento em autoeficácia e aumento na pressão arterial diastólica, porém sem significância clínica. O estudo baseou-se em evidências de que bombeiros são particularmente expostos a fatores de risco para o desenvolvimento de doenças cardíacas e estresse.

Além do estresse, foram citados como pontos negativos variáveis envolvendo o contexto deficiente nos âmbitos organizacional, burocrático e de planejamento, representadas pela falta de condições para realizarem suas atividades, baixos salários, longas jornadas de trabalho, sobrecarga e cansaço, deficiência de infraestrutura, de recursos materiais e humanos, prazos curtos para a elevada carga de trabalho, exigência de resistência física, falta de cursos de atualização, desgaste sofrido no dia a dia de trabalho, tanto físico como emocional, além de algumas dificuldades na conciliação da vida pessoal e profissional, o que está em conformidade com outros estudos^(6,11,12,13).

A exposição aos riscos ocupacionais e o adoecimento na atividade do bombeiro

Para a maioria dos sujeitos, as exposições aos riscos físicos, pelo contato com o fogo, e aos biológicos, são prevalentes no exercício da profissão. A exposição ao sangue e fluidos causa muita apreensão nos trabalhadores, devido ao risco de transmissão de infecções como hepatites e aids. Outros riscos citados foram os ergonômicos e de acidentes:

[...] uma pessoa é soropositivo, tu está exposto a ela e não sabe, e a pessoa também não vai se manifestar e dizer que tem; então são esses tipos de coisa que eu vejo. Claro, incêndio também, tu pega um incêndio, às vezes falta um equipamento de respiração, principalmente num fogo em vegetação rasteira, [...] dificilmente tu vai 'tá' usando um aparelho de respiração autônoma,

então tu acaba respirando fumaça, tu fica respirando fumaça ali; mas o que eu vejo, assim, que tu fica mais exposto é no resgate. Às vezes entra ali uma pessoa que tem uma tuberculose e tu fica ali, tu entra ali dentro, tu fica respirando o mesmo ar que ela, ela 'tá' tossindo ali, ela 'tá' expelindo, às vezes, e tu não sabe o que ela tem; tu 'tá' ali respirando [...]. (ENT 06)

A gente tem o risco de incêndio, né, de acontecer alguma coisa no resgate que a gente mexe com sangue nas pessoas feridas; pode ter algum risco pra saúde. Também tem outros riscos [...] acidente com materiais inflamáveis [...], que é o que mais oferece risco [...]; mas o que a gente mais encontra no dia a dia é o incêndio mesmo, em mato ou residência, e acidentes veiculares. (ENT 19)

Bastante risco, sim. Ergonômico [ergonômico] por causa que a gente carrega bastante peso, né, tanto no resgate quanto no combate a incêndio com as mangueiras; e está sempre subindo e descendo morro, descendo prédio, subindo escada... Então assim, acho que é mais a questão postural [...]. (ENT 01)

Para a Organização Pan-Americana de Saúde⁽⁵⁾, o risco físico é decorrente do contato com temperaturas extremas (frio e calor), ruído, radiações, pressão atmosférica anormal e os biológicos estão associados a vírus, bactérias, parasitas e outros microrganismos, pelo contato com sangue e fluidos. Os riscos ergonômicos decorrem da postura e posições incorretas e a exposição aos acidentes acontece pela falta de proteção do trabalhador, pela possibilidade de quedas, lesões, queimaduras, caracterizando acidentes de trabalho.

Importante é salientar que agentes de risco psicossocial⁽⁵⁾ emergiram nas falas dos sujeitos. Frequentemente estão diante de catástrofes, incêndios e acidentes em que se deparam com o sofrimento das pessoas, além de frustrações pelos insucessos e impotências, o que os expõe ao sofrimento psíquico. Há também o trabalho nos turnos diurno e noturno e/ou a monotonia ou ritmo de trabalho excessivo.

O profissional bombeiro está constantemente exposto a fortes cargas emocionais em seu trabalho. Em situações que envolvem vítimas, muitas vezes estão de frente com a morte e presenciam cenas trágicas. Além disso, após as ocorrências eles voltam ao quartel e ao trabalho sem receber suporte para ajudá-los a enfrentar

tais situações, que, por mais que façam parte de seu cotidiano, não deixam de ser traumáticas. Como precisam estar prontos para novo chamado, tentam naturalizar a rotina⁽¹³⁾:

[...] Às vezes a gente fica frustrado, porque faz de tudo 'prá' salvar a pessoa e às vezes não consegue. Que nem em um incêndio: às vezes você chega lá, você faz de tudo pra ajudar e pra salvar os móveis, os pertences da pessoa, mas tu pega uma casa de madeira. Hoje, uma casa de 70 m² em oito minutos está toda queimada, e até tu sair com um caminhão pesado daqui e chegar lá, tu leva, conforme a distância, se for mesmo dentro da cidade [...], tu leva uns dez minutos pra chegar com o caminhão lá. Então, tu vê o pessoal chorando, dizendo que é uma vida inteira ali que se foi. Isso aí judia a gente; mas faz parte. (ENT 21)

[...] quando a gente não consegue salvar, tenta de tudo e a pessoa acaba falecendo. Aí é triste de ver, daí dá aquela sensação [...]: será que eu fiz alguma coisa errada? O que eu poderia ter feito de melhor? [...]. (ENT 16)

Segundo os respondentes, no último ano não houve acidentes de trabalho com afastamento, porém houve alguns incidentes, como queimaduras leves e calosidades causadas pelas botas. Quanto à notificação de acidentes, caso venham a ocorrer, todos têm conhecimento da conduta a ser seguida. Quando iniciam as atividades na corporação, antes de assumirem em qualquer guarnição, passam por um curso de formação para o trabalho.

Quanto ao adoecimento em decorrência do trabalho, no último ano foi citado apenas um caso de hérnia de disco que necessitou afastamento do trabalhador:

[...] Hérnia de disco, precisei me afastar num primeiro momento. Eu tentei só fisioterapia, depois eu fui pra cirurgia; eu fiz a cirurgia e hoje eu estou bem, mas tomo certos cuidados, entendeu? - que antes eu não tomava. A questão da hérnia, vamos dizer assim, que o próprio EPI nosso é um caso diferenciado, porque ele em si é pesado, então só de tu usar ele num preparo pra uma ocorrência, tu já está fazendo um esforço [...]. (ENT 08)

Os equipamentos de proteção individual (EPIs) na atividade do bombeiro

Com relação aos equipamentos de proteção individual (EPIs), consideraram que há algumas

dificuldades em dispor deles para a guarnição que está de serviço; não há EPIs em número suficiente para todos os trabalhadores e muitos são de uso coletivo, gerando certo desconforto, devido à falta de higiene, pois todos usam os mesmos equipamentos, o que muitas vezes impossibilita a higienização em tempo hábil.

Outra dificuldade apontada foi relativa ao tamanho das roupas e à numeração das botas, que para alguns são de número maior e para outros são de número menor. Conceber equipamentos de proteção sem a participação dos trabalhadores, sem interrogar as pessoas que irão usar o sistema, é desconsiderar a atividade humana protagonizada por quem a realiza. Não basta a racionalidade técnica, é preciso considerar as racionalidades da atividade⁽¹⁴⁾.

Um dado importante nesta discussão diz respeito aos equipamentos de respiração autônoma usados no combate a incêndio, pois, como são de alto custo, há apenas três para uso de toda a guarnição, situação que configura risco de adoecimento de natureza respiratória ou asfixia, caso sejam necessárias abordagens sem esses equipamentos.

[...] no combate a incêndio a gente tem esse déficit de equipamentos, que seriam as capas de aproximação, calça de aproximação (capas e calças usadas no combate a incêndio, segundo os depoentes, são chamadas de "aproximação", pois permitem ao bombeiro aproximar-se de chamas e permanecer relativamente perto delas) e botas, que tem que ser uma bota especial. Não pode ser qualquer bota, ela tem que resistir a uma determinada temperatura, ela tem que ser mais reforçada e não é equipamento tão barato também. Por isso, a dificuldade de ter uma para cada um, que seria o ideal, hoje, pra nós aqui, cada um ter o seu equipamento. (ENT 02)

O EPI é outro detalhe complicado [...] cada um deveria ter o seu. Aqui a gente tem um equipamento de proteção coletiva e o pessoal do fogo tem aquelas capas que são usadas por todos. Cada um deveria ter a sua, mas não tem. O pessoal troca a guarnição e o equipamento de segurança continua o mesmo, aí vem a outra guarnição e continua o mesmo equipamento [...]. (ENT 04)

[...] não tem EPI para todos e, ao longo dos anos, quando vê tu não está mais usando EPI. Muitos colegas nossos não usam todo o EPI. Eu, inclusive, não uso a balaclava, que é uma proteção para o rosto, que muitas vezes tu vai numa

ocorrência e tu está com todo o EPI, mas o calor agride a tua pele do rosto, só que tu não usa a balaclava porque são 30 homens e são 3 balaclavas. É algo anti-higiênico, não tem como tu usar aquilo; então tu acaba não usando, mas tu tem a consciência que deve usar [...]. (ENT 08)

A proteção é sempre válida, pois as atividades destes trabalhadores envolvem, entre outros atendimentos: catástrofes ambientais do tipo enchentes, que acumulam água destituída de saneamento, a captura de animais e ações de suporte básico de vida, situações que os expõem a fluidos e secreções orgânicas com grande possibilidade de adquirir infecções, tal como qualquer profissional que atua em unidade de atendimento pré-hospitalar⁽¹⁵⁾.

De acordo com a Norma Reguladora n.º 6 (NR6) do Ministério do Trabalho, a empresa é obrigada a fornecer gratuitamente aos empregados o EPI adequado ao risco em perfeito estado de conservação e funcionamento, cabendo ao trabalhador usá-lo⁽¹⁶⁾.

Entre os EPIs citados na NR6⁽¹⁶⁾ devem ser utilizados pelo corpo de bombeiros: Balaclava ou capuz, que é utilizado na proteção do crânio, face e pescoço contra riscos de origem térmica e respingos de produtos químicos e contra agentes abrasivos e escoriantes; capacete; óculos; luvas; vestimenta e calçado específicos e protetores; equipamento de respiração autônoma e cinturões de segurança.

Embora seja escassa a produção científica sobre a exposição dos bombeiros aos agentes biológicos ou os acidentes de trabalho possuam baixas taxas de frequência⁽⁷⁾, um estudo sobre traumas bucofaciais, suas causas e o tratamento realizado em policiais militares e bombeiros do Estado de São Paulo identificou que 22% dos policiais e bombeiros já sofreram trauma bucofacial. Os pesquisadores sugerem que o protetor intrabucal faça parte do conjunto de EPIs disponíveis a estes trabalhadores e reforçam a importância da divulgação e sensibilização quanto ao uso do dispositivo como método preventivo⁽¹⁷⁾.

É oportuno discutir o peso dos EPIs usados por estes trabalhadores. Um estudo⁽¹⁸⁾ alerta sobre a importância da tecnologia adequada na composição destes equipamentos. Durante um atendimento feito pelos bombeiros, tanto fatores como o aumento da tensão diante de um perigo, quanto o acréscimo de carga proporcionada

pelos equipamentos de proteção individual e respiratória usados por estes sujeitos, são determinantes de déficit de VO₂. O estudo⁽¹⁸⁾ demonstrou que 90,9% da amostra pesquisada não tinham condições saudáveis de trabalho, pois estavam abaixo da média para o índice de VO₂ máximo necessário às suas funções, o que sugere a implantação de programas de treinamento físico para elevar o índice de capacidade cardiorrespiratório desses trabalhadores e o investimento em equipamentos de proteção individual e respiratório mais aprimorados do ponto de vista tecnológico, de modo a terem menor peso, pois quanto mais leve o equipamento, menor será o comprometimento do VO₂ máximo.

Diminuindo os riscos ocupacionais e melhorando as condições de trabalho

De acordo com os participantes, para diminuir os riscos ocupacionais a que estão expostos é necessário investir em educação permanente em saúde, proporcionando periodicamente espaços de discussão junto com os trabalhadores para o levantamento de necessidades de saúde e segurança no trabalho:

[...] o pessoal que tem aqui é um pessoal qualificado [...]. Eu acho que o primordial é investir no pessoal [em educação] que trabalha na guarnição, no pessoal que é a linha de frente, no pessoal que combate o incêndio, que presta socorro com o resgate. Para mim é só isso. (ENT 04)

Além disso, a disponibilidade de mais EPIs, a renovação das viaturas e o aumento de recursos humanos foram citados pelos entrevistados como necessários para qualificar o trabalho e diminuir a exposição aos riscos:

EPI individualizado, uma cultura de uso do EPI, entendeu? [...] disponibilizar o EPI e cobrar o uso do EPI para que se entre numa rotina de uso para aqueles que não têm a cultura de usar, serem obrigados a usar. Outra coisa, também, mas isso foge um pouco à alçada [...] a segurança nos caminhões, mas isso só vai modificar adquirindo um caminhão novo, e hoje isso é algo quase impossível se não tiver uma campanha, vontade política. (ENT 08)

Olha, a falta de efetivo acaba gerando riscos, pelo fato da gente ter que trabalhar, muitas vezes, meio que sozinho. Fazer o trabalho que seria necessário três homens pra fazer, um homem fazer isso aí...

A falta de efetivo gera muito risco pra nós [...]; eu acredito que a falta de efetivo, de forma indireta, é o que gera mais riscos pra nós. (ENT 18)

É válida uma reflexão sobre a educação continuada e permanente. A educação continuada refere-se à mera atualização técnica, oferecida em momentos esporádicos; já a educação permanente envolve a problematização e resolução dos problemas, discutidas entre e com os trabalhadores, de caráter constante, com vistas a transformar os processos de trabalho⁽¹⁹⁾. Pode-se inferir que uma modalidade não desqualifica a outra, porém a última é uma proposta circunscrita a um movimento crítico-reflexivo, de protagonismo dos sujeitos envolvidos, fundamental para o avanço das práticas saudáveis de trabalho.

Olhar para o profissional bombeiro de forma humanizada foi ressaltado por alguns como fator necessário para a melhoria das condições de trabalho e da exposição aos riscos psicossociais:

Sugestão que eu tenho é tentar olhar um pouco para o bem-estar do profissional; não apenas o bem-estar físico, mas psicológico, porque [...], como militares estaduais, a gente tá atrelado a um regulamento que, além do teu trabalho, do teu atendimento de ocorrência, tu tá sempre, mesmo atendendo uma ocorrência, ajudando uma pessoa, tu tá sujeito a ser punido [...], o que pode se desenvolver por 30 e até 60 dias e que no final pode afetar toda a tua carreira [...]. (ENT 08)

[...]se a população olhasse com bons olhos para o corpo de bombeiros [...], na aquisição de um caminhão, de uma outra escada - é que a nossa é de 1970, os caminhões são velhos - aí melhoraria bastante. Acho que mais ou menos isso. (ENT 10)

A partir disso, é possível inferir que investimentos no trabalhador podem contribuir para a diminuição do sofrimento psíquico gerado por condições deficientes de organização, administração, sistemas de trabalho e de relações humanas.

Podem agregar saúde ao fatigante cotidiano destes trabalhadores medidas como, por exemplo, incrementar os recursos individuais de enfrentamento de estresse com orientações técnicas, educação, abordagens cognitivo-comportamentais e encontros regulares com profissionais habilitados. Além disso, fomentar o exercício de suas habilidades pessoais, com atitudes que visem atender às necessidades

individuais e orientar esses trabalhadores sobre os riscos ocupacionais, oportunizando intercâmbio de experiências entre os pares⁽²⁰⁾, pode contribuir para a promoção da saúde do trabalhador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que os sujeitos consideram boas as condições de trabalho no que se refere ao convívio com os colegas, às dependências do quartel, à estabilidade e à satisfação em ajudar o próximo, e consideram condições ruins a falta de recursos materiais e humanos, a baixa remuneração e o insucesso nos atendimentos.

Quanto à exposição aos riscos, os físicos e biológicos foram os mais citados. Em relação aos EPIs, pelo fato de alguns serem de uso coletivo, há desconforto entre os trabalhadores, devido à falta de higiene e ao tamanho desses equipamentos.

Como estes sujeitos estão diariamente expostos aos riscos ocupacionais inerentes à sua profissão, é necessário investir em educação permanente em saúde, proporcionando espaços de discussão com os trabalhadores para o levantamento de necessidades de saúde e segurança no trabalho. O enfermeiro pode ser um ator eficiente neste cenário, pois, como educador e cuidador, pode intervir nos condicionantes e determinantes de adoecimento, mediante oficinas de prevenção de agravos, de proteção e segurança para a minimização da exposição aos agentes que possam ser evitados. Também pode intervir na formação cidadã desses profissionais no que diz respeito à discussão de saberes relativos a condições e atos inseguros e à legislação em saúde do trabalhador.

Sugerem-se estudos que busquem a provável associação da morbimortalidade e/ou potencialização das catástrofes com as deficiências de materiais e viaturas, que tanto preocupam os trabalhadores, além de investigações que busquem, junto com os sujeitos, os “nós críticos”, os interesses e a busca de soluções conjuntas de problemas ocupacionais para ações de educação em saúde que agreguem valor à segurança ocupacional.

WORKING CONDITIONS AND RISK FACTORS OF FIREFIGHTERS ACTIVITIES

ABSTRACT

This is a descriptive, qualitative study that aimed to understand the working conditions and the risk factors in the activity of firefighters according to their point of view. Was conducted with the military firefighters through interviews, in the first half of 2012 and analyzed using thematic analysis. The study complied with the ethical resources existing in Brazil. The subjects considered good working conditions as to coexistence with colleagues, financial stability and satisfaction in helping others. They considered bad conditions regarding to deficiency of material and human resources and failure in assistance. In their daily work exposure to physical and biological risks are more frequent. Investments in continuing health education for safety at work with the availability of material and human resources can be health promotion strategies for the workers.

Keywords: Firefighter. Working Conditions. Occupational Health. Worker. Occupational Risks.

CONDICIONES DE TRABAJO Y FACTORES DE RIESGO DE LA ACTIVIDAD REALIZADA POR EL BOMBERO

RESUMEN

Se trata de una investigación descriptiva, de abordaje cualitativo que tuvo como objetivo conocer las condiciones de trabajo y los factores de riesgo de la actividad de los bomberos de acuerdo con su punto de vista. Fue realizada junto a los bomberos militares, a través de entrevistas, en el primer semestre de 2012 y analizada mediante análisis temático. El estudio cumplió con los recursos éticos existentes en Brasil. Los sujetos consideran buenas sus condiciones de trabajo en cuanto a la convivencia con los compañeros, a la estabilidad financiera y a la satisfacción de ayudar al próximo y malas en cuanto a la deficiencia de recursos materiales y humanos y al fracaso en las atenciones. En su cotidiano de trabajo la exposición a los riesgos físicos y biológicos son más frecuentes. Inversiones en educación permanente en salud para la seguridad en el trabajo, junto a la disponibilidad de recursos materiales y humanos pueden ser estrategias de promoción a la salud de este trabajador.

Palabras clave: Bomberos. Condiciones laborales. Salud del Trabajador. Trabajador. Riesgos Laborales.

REFERÊNCIAS

1. Presidência da República. Casa Civil (BR). Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. [citado em 5 set 2011]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao3.htm>.
2. Gonzáles RMB, Beck CLC, Donaduzzi JC, Stekel LMC. O estado de alerta: um estudo exploratório com o corpo de bombeiros. *Esc Anna Nery R Enferm*. 2006; 10 (3): 370-377.
3. Rocha RLO, Atherino CCT, Frota SMMC. Audiometria de altas frequências em bombeiros militares com audiometria normal expostos ao ruído. *Braz J Otorhinolaryngol*. 2010; 76(6): 687-694.
4. Sousa MNC, Fiorin AC, Guzman MB. Incômodo causado pelo ruído a uma população de bombeiros. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2009; 14(4): 508-514.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil (OPAS). Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília; 2001.
6. Natividade MR. Vidas em risco: a identidade profissional dos bombeiros militares. *Psicol Soc*. 2009; 21(3): 411-420.
7. Spagnuolo RS, Baldo RCS, Guerrini IA. Análise epidemiológica dos acidentes com material biológico registrados no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador - Londrina-PR. *Rev Bras Epidemiol*. 2008; 11(2): 315-323.
8. Gomes BB, Santos WL. Acidentes laborais entre equipe de atendimento pré-hospitalar móvel (bombeiros/samu) com destaque ao risco biológico. *Revisa*. 2012; 1(1): 40-49.
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa. 6a. ed. São Paulo (SP): Hucitec-Abrasco; 1999.
10. Murta SG, Tróccoli BT. Stress ocupacional em bombeiros: efeitos de intervenção baseada em avaliação de necessidades. *Estud Psicol*. 2007; 24(1): 41-51.
11. Santos ERC, Carvalho e Silva L, Gontijo TL, Cavalcante RB. O cotidiano de trabalho de uma equipe de corpo de bombeiros. *R. Enferm. Cent. O. Min*. 2011; 1(4): 514-522.
12. Amato TC, Pavin T, Martins LFL, Ronzani TM, Batista A. Work, gender, and mental health: a qualitative and quantitative research among fire fighters. *Cad. Psicol Soc Trab*. 2010; 13(1): 103-118.
13. Monteiro JK, Maus D, Machado FR, Pesenti C, Bottega D, Carniel LB. Bombeiros: um olhar sobre a qualidade de vida no trabalho. *Psicol Cienc Prof*. 2007; 27(3): 554-565.
14. Schwartz Y. Entrevista. *Trab Educ Saúde*. 2006; 4(2): 457-466.
15. Oliveira Adriana Cristina, Lopes Aline Cristine Souza, Paiva Maria Henriqueta Rocha Siqueira. Acidentes ocupacionais por exposição à material biológico entre a equipe multiprofissional do atendimento pré-hospitalar. *Rev Esc Enferm USP*. 2009; 43(3): 677-683.
16. Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego (BR). NR6 – Equipamento de Proteção Individual; 1978. [citado em 12 abr 2012]. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br>>.

17. Diniz Jr NS, Sesma N, Morimoto S, Paiva LR. Prevalence of bucofacial traumas among members of the military police of São Paulo state: A retrospective study. *Journal of Biodentistry and Biomaterials*. 2011; (1): 42-48.
18. De Carli AG, Oliveira RS. Efeito do uso dos equipamentos de proteção individual e respiratória sobre o VO_2 máx. dos integrantes do 16º grupamento de bombeiros da polícia militar do estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*. 2012; 6(35): 501-505.
19. Juliani CMCM, Kurcgant P. Educação continuada e gerência participativa: indicadores de qualidade da gestão de recursos humanos em enfermagem. *Cienc Cuid Saude*. 2010; 9(3): 456-463.
20. Camelo SHH, Angerami ELS. Riscos psicossociais no trabalho que podem levar ao estresse: uma análise da literatura. *Cienc Cuid Saude*. 2008; 7(2): 232-240.

Endereço para correspondência: Rosane Teresinha Fontana. Rua sete de Setembro, 1126. CEP: 98801-650. Santo Ângelo, Rio Grande do Sul.

Data de recebimento: 27 de Julho de 2012

Data de aprovação: 21 de Dezembro de 2012